

Estuda a Autora, pormenorizadamente, todos os esforços dispendidos por Maury e sua atuação junto ao Governo Americano e ainda sua atividade na imprensa e através desta a sua penetração na opinião pública.

Nos capítulos seguintes, aborda a posição dos EE.UU. face ao problema e a atuação de Maury nos meios políticos norte-americanos; a Política brasileira e a navegação do Amazonas, em que estuda com muita propriedade o papel exercido pela nossa diplomacia e atuação do governo Imperial na tentativa de impedir a pressão direta do Governo dos Estados Unidos nos negócios da Amazônia. Estuda, então, a atuação de Mauá e a concessão da exploração da navegação do Amazonas como monopólio de Irineu Evangelista de Sousa; aborda, a seguir, a política amazônica das repúblicas ribeirinhas e a diplomacia continental, quando analisa a atuação da nossa diplomacia tentando neutralizar a influência dos Estados Unidos junto às demais repúblicas ribeirinhas — Bolívia, Peru, Equador, Nova Granada e Venezuela — ao mesmo tempo em que defende, no tocante à navegação do Amazonas, a exclusividade para os mesmos países ribeirinhos. É um capítulo muito elucidativo no que diz respeito à política sulamericana e à ocupação da Amazônia; o último capítulo aborda o desfêcho da questão, mostrando o quanto outras preocupações internas, como a Secessão, e externas, como Cuba, desviaram a atenção do Governo e da opinião pública dos Estados Unidos com relação à ocupação do Amazonas. Aos poucos, Maury perde a sua influência e a sua tese vai deixando de ter seguidores, embora a idéia do Amazonas esteja sempre presente.

Mostra a Autora a posição assumida pelo Governo dos Estados Unidos, face às medidas adotadas pelo Governo de Pedro II. E ao final, conclui que depois de muitas questões surgidas da competição internacional e da falta de maior cooperação "a Amazônia, com suas ambicionadas riquezas, foi abandonada à sua sorte, isto é, à pilhagem da cobiça nacional aliada à ambição internacional, em vez de se tornar o celeiro sonhado por Humboldt ou jardim imaginado por Maury. Hoje ainda e mais do que nunca este vazio demográfico representa, na região amazônica, uma ameaça à nossa integridade territorial."

É uma obra de interesse para todos que se ocupam da História do Brasil, em especial aos que se dedicam ao estudo do século XIX. E, como diz Sérgio Buarque de Holanda, "pode-se dizer em suma que a isenção, a objetividade, o realismo são das qualidades mestras deste livro, além da riqueza de informação e do raro dom de saber captar e fixar com segurança os problemas de mais constante atualidade". — JOSÉ SEBASTIÃO WITTER.

AVILA, Affonso — *O Poeta e a Consciência Crítica*. Uma linha de tradição, uma atitude de vanguarda. Petrópolis, Ed. Vozes Ltda., 1969. 103 pp.

A natureza da militância crítica leva, muitas vezes, à emissão de juízos apresados ou mal formulados ou ainda ao alinhavar ligeiro de algumas idéias que mal alcançariam — seja pelo conteúdo, seja pela extensão — os limites dignos de um artigo. Quando esses textos ficam esquecidos nos suplementos literários, nada se altera e, no máximo talvez, poderão servir um dia para o levantamento do ideário do autor, se ele vier a se notabilizar.

Todavia, o ofício corre riscos sérios quando o crítico se lança à tarefa de reunir seus textos sob forma de livro, desprezando qualquer critério seletivo, isto é, desprezando aquilo que o define enquanto intelectual: o juízo de valor.

Surgem, então, altos e baixos dentro da coletânea, que denunciam — pode parecer — a pressa em se colocar mais um livro na praça... e no currículo.

É lamentável que em *O Poeta e a Consciência Crítica* Affonso Avila não tenha sido mais exigente consigo mesmo e tenha se permitido a inserção de artigos (?) que pouco ou quase nada representam do nível atingido em outros escritos. Mesmo dentro dos limites modestos, pré-fixados numa espécie de prefácio, não se entende a inclusão de alguns trabalhos, sobretudo porque em outros o nível de discussão é bastante promissor. Sua motivação é quase que didática — de resto muito louvável — pois o livro “reúne trabalhos que o autor estima de alguma valla informativa dentre os que escreveu nos últimos oito anos. Se não aportam maior originalidade, eles se avocam pelo menos o mérito da abordagem, em nível de comentário ou interpretação, de problemas, temas e obras cujo estudo vem sendo objeto, na maior parte dos casos, de análise ou debate numa faixa bastante especializada de nosso ensaísmo, às vèzes numa terminologia de difícil acesso aos que não dominam ainda toda a nova linguagem crítica. Este é, pois, um livro que pretende sobretudo ser útil ao leitor jovem, aos que de qualquer forma estejam motivados para a iniciação no estudo da problemática mais viva da literatura brasileira, particularmente da poesia, que aqui se procura abordar ou referir com a possível clareza, embora a partir sempre de um ângulo de modernidade.” (p. 7).

Ora, mesmo a ressalva da intenção “didática” não justifica o abrigo dado a trabalhos com baixo teor informacional como “A Natureza e o Motivo Edênico da Poesia Colonial” e “As Singularidades de um Processo Lírico”.

No primeiro, o A. pretende “mostrar, no quadro da poesia colonial, a funda relação entre o motivo edênico e a linha ufanista” (p. 27). Contudo sua exposição não ultrapassa o simples registro do impacto flora/fauna sobre o poeta colonial e a predileção que este demonstra a respeito do rio, em detrimento do mar, “componente assim secundário no fundo plástico da poesia colonial” (p. 34). Basicamente é só isso. Nenhuma preocupação no sentido de ir além da constatação. Simplesmente o continuísmo de uma crítica temática, distante daquele ângulo de “modernidade crítica” inicialmente proposto e que poderia nos fornecer uma nova visão da poesia colonial brasileira, já cansada de sofrer assaltos pelo mesmo flanco.

A mesma atitude de mero levantamento no segundo, de nome tão imponente: “As Singularidades de um Processo Lírico”. Aceitável como nota para apresentação de poeta, na orelha de um livro. Nunca como parte integrante de uma coletânea em que se pretende, na primeira parte, esboçar uma linha geral para a literatura brasileira, e, na segunda, marcar posições para/e de uma poética nova.

Em “As Singularidades...”, Emílio Moura, o poeta em questão, passa por um tratamento sem significação que nada acrescenta a sua obra. Deixasse, então, o poeta falar por si.

Mas, salve!, num corpo de dez artigos, apenas dois são reprováveis.

Pouco acima, mencionamos a divisão dupla de *O Poeta e a Consciência Crítica* onde os cinco primeiros ensaios-artigos estão sob o nome “Uma Linha de Tradição”. Os outros cinco sob “Uma Atitude de Vanguarda”.

A proposição fundamental de A. A. é a de rever, criticamente, determinados fenômenos estéticos nacionais, sobretudo a partir “de uma perspectiva sincrônica, simultaneísta, capaz de abranger o fato artístico da atualidade como um degrau novo desdobrado de uma seqüência de outros degraus...” (p. 16).

Essa visão abrangente, que aspira englobar as várias feições manifestadas pela arte no correr do tempo, radica-se sobre uma nota dominante de seu pensamento: a de que o Barroco fornece “a nervura central da autêntica arte brasileira”. (p. 25).

Para defender essa tese, aceita pelo Concretismo, o A. aproxima o homem barroco do contemporâneo, ressaltando o mundo angustiante que os envolve (p. 17),

não sem, contudo, apontar os motivos diferentes que os levaram a uma arte onde ocorre o primado da "informação estética sobre a semântica." (p. 23).

Essa linha de reflexão leva-o a relacionar Gregório, Vieira, Oswald de Andrade, Mário, Guimarães Rosa, Aleijadinho, Niemeyer, poesia concreta, etc.

E é motivado pela preocupação com uma arte densamente criativa, que A. A. vai abrir espaço justo e elogioso à *Revisão de Sousândrade* (cuja reedição se impõe, diga-se de passagem) dos Irmãos Campos. Em "Sousândrade: o Poeta e a Consciência Crítica", A. A. realça a incapacidade da "crítica diante do autor de *O Guesa* e da consciência por ele manifestada da incompatibilidade estética entre a sua obra revolucionária e os padrões então entre nós consagrados." (p. 41).

Contrariamente ao mito do "bom selvagem", Sousândrade moldaria o índio brasileiro como "o anti-herói de nossa contingência latino-americana" (p. 44) e estaria justamente aí, segundo o A. mineiro, um dado para associar *Macunaima* a *O Guesa* (p. 44).

Não fôsse suficiente apenas tal aspecto associativo, A. A., discutindo o problema da tradição literária brasileira, aponta nesse romance de Mário de Andrade uma "das pedras-de-toque do modernismo e que as jovens gerações não devem ignorar neste instante em que se busca levantar uma linha de tradição de consciência crítico-criativa para uma literatura nova." (p. 50).

Em suma: Gregório, Vieira, Sousândrade, Kilkerry, Mário, Oswald e G. Rosa (para não citar mais) entranham-se dentro de uma poética autenticamente criativa, "trabalhando a mesma desinência barrôca que se impõe para nós como traço já bem definido de uma tradição de forma." (p. 51).

"Iniciação Didática à Poesia de Vanguarda" abre a segunda parte do livro, cuja colocação básica é o esclarecimento daquilo que se pode entender por vanguarda estética.

Segundo o A., foi somente a partir do Simbolismo que os poetas "trabalharam a sua poesia dentro de uma noção consciente de arte." (p. 61). Antes disso, exceção-se um ou outro, a poesia fôra praticada como dilettantismo de que não escapou "seguer o venerável imperador Dom Pedro II..." (p. 61). Daí, A. A. afirmar que, se fôssemos reavaliar, muita coisa seria eliminada.

A busca da linguagem nova, inaugurada no Simbolismo, tem continuidade no Modernismo, e durante o congresso de escritores do IV Centenário de São Paulo, João Cabral denuncia "o golpe retornista desfechado em 1945" (p. 64). Reforça-se a pesquisa vanguardista, então, com o grupo *Tendência* em Belo Horizonte e o grupo concretista, cujo encontro no II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária seria bastante rendoso.

Um dos ataques frequentes à poesia concreta é relativo à sua "alienação" (?). Em "Literatura Situada" recoloca-se o problema, partindo-se da discussão de uma tese de Luís Costa Lima: "Dinâmica da Literatura Brasileira: Situação do seu Escritor". No entanto, A. A. faz-se pouco claro com relação ao problema, insistindo apenas, juntamente com L.C.L., que "ao escritor se impõe um compromisso a partir de sua arte, i.e., somente através da obtenção de uma expressão de totalidade estética" (p. 76).

"Um Concelto Brasileiro de Vanguarda" relata os resultados de uma reunião com Clarice Lispector da FFCL da Universidade Católica de Minas em 1963. A conceituação precisa tornou-se difícil e só aparece no apêndice: poesia de vanguarda é "aquela que busca, na revolução das formas e da linguagem, sintonizar-se com a técnica do nosso tempo e utilizar os recursos que lhe são oferecidos para uma expressão e comunicação mais racionais." (p. 97).

Poder-se-ia fazer objeções, sobretudo ao termo *racionais*, mas isso é assunto que nos levaria para muito longe do âmbito de uma simples resenha.

O que se sobressai nesta segunda parte é o esforço consciente e procurado do A. no sentido de demonstrar a validade e a seriedade da nova poesia brasileira. Veja-se, por exemplo, "CARTA DO SOLO — Poesia Referencial".

Aceitável ou não, o certo é que essa nova poesia exige discussão. Não se pode reeditar Sousândrade. — ANTONIO DIMAS.

ANDRADE, Margarete de — *The Expansion of Brazilian Studies and Portuguese Language Instruction in the United States*. Washington, Brazilian American Cultural Institute, Inc., 1969, 45 pp.

O Instituto Cultural Brasileiro-Americano e a Embaixada Brasileira de Washington publicaram um guia, da autoria de Margarete de Andrade, dando conta das Universidades e pesquisadores americanos interessados no Brasil.

O trabalho é o desenvolvimento de um prefácio à "American Universities and Scholars Interested in Brazil" e condensa desde as primeiras manifestações culturais relacionadas com nosso país até uma lista bastante extensa dos professores universitários, americanos ou não, que se ocupam de assuntos brasileiros.

Dessa forma, M. de A. localiza no ano de 1654 o primeiro local de aprendizagem do português na América do Norte: Shearith Israel da Sinagoga Hispano-Portuguesa em New Amsterdam, mais tarde New York.

É escusado dizer que a tentativa sofreu soluções de continuidade apesar do aparecimento, em 1820, de primeira gramática portuguesa editada nos E.U.A. pelo Padre Babad e do curso oferecido por Harvard, entre 1828-1830, sob a responsabilidade de Pietro Bachl.

No final do século XIX Joaquim Nabuco encorajava os estudos graças a suas conferências em Vassar, Yale, Cornell, Chicago, etc.

Hoje em dia, os dois Colóquios Internacionais de Estudos Luso-Brasileiros realizados nos E.U.A. (Washington, 1950; Cambridge, Mass., 1966) e os inúmeros "campuses" universitários onde se trabalha com cultura brasileira atestam a seriedade e a sistematização das pesquisas.

M. de A. também arrola as atividades dos tradutores e o empenho da Alfred A. Knopf, Inc. em publicar os ficcionistas brasileiros.

No final do artigo, recebido em forma de separata, M. de A. oferece uma relação de "Periódicos que cobrem os assuntos luso-brasileiros e interamericanos nos E.U." e uma relação bibliográfica das fontes utilizadas em seu levantamento.

Um guia útil, que mais o será, se passar por atualizações frequentes. — ANTONIO DIMAS.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de — *Cadernos* — Centro de Estudos Rurais e Urbanos — n.º 1, 1.ª série, S. Paulo, março de 1968. 237 pp.

"As pesquisas de campo iniciadas em 1962 pela Cadeira de Sociologia II da FFCLUSP, concernentes ao meio rural, e prosseguidas a partir de 1964, em conjunto com o centro de Estudos Rurais e Urbanos, levantaram material bastante amplo, constante dos diversos relatórios apresentados pelas equipes de estudantes de So-